

55 Paulo Ferraz prevê quadro recessivo até fim de 84

Às oito horas da manhã, confirmando a fama de empresário que chega muito cedo ao trabalho, e fumando bons charutos — hábito que pegou desde que os médicos o aconselharam a se afastar dos cigarros —, Paulo Ferraz prestou em seu escritório da Avenida Rio Branco o seguinte depoimento ao JORNAL DO BRASIL:

“A realidade presente da economia brasileira é o quadro recessivo. Não vejo como poderemos emergir disto a curto prazo. Para que se possa reduzir drasticamente a inflação e o déficit do setor público, de acordo com os compromissos assumidos com o FMI, a recessão terá de continuar até o final do ano que vem, com um multiplicador que é a política salarial mais apertada. Haverá, portanto, uma diminuição do consumo individual, desdobrando-se da periferia para o centro, do supérfluo para o essencial. Nessa conjuntura, apenas a alimentação se torna o essencial. Tudo o mais — vestimentas, locomoção, lazer — passa a ser supérfluo. Não é nada, não é nada, cada empregado tem agora um aumento equivalente a 80% do índice de inflação, que por sua vez já é expurgado.

“Para 90% dos brasileiros, o horizonte é o fim do mês. E, efetivamente, o envelope do salário vem a cada fim de mês corroído pela inflação. Multiplique-se isto por 80 milhões de consumidores — pois, dos 120 milhões de brasileiros, 40 milhões são semisobreviventes — e tem-se o efeito sobre a economia. A Cidade de Deus, aqui no Rio, tem 70 mil pessoas que moram em 1.800 unidades habitacionais, dos quais 40% estão desempregados e 60% vivem a nível de um a um e meio salário mínimo, o que mal dá para a sobrevivência de cada um. Tal situação multiplicada por *n* milhões repetindo-se por *n* meses e, pode-se dizer, o ‘caldeirão dos infernos’.

“Vivemos um paradoxo: com a inflação que está aí a economia não sobrevive; com o estrangulamento das contas externas, também não sobrevive. Para resolver o problema só há um caminho, que é exportar, vender mercadoria, pois não se pode emitir cruzeiros para pagar conta em dólares. A inflação, por sua vez, é um entrave às exportações. Para tornar o mercado externo mais atraente do que o mercado interno para o empresário, o Governo é obrigado a praticar uma taxa cambial remuneradora, a fim de manter íntegro o valor do produto vendido ao exterior. Porém, há outros fatores prejudicando a exportação, como as dificuldades para se obter componentes importados e financiamentos externos. Todo produto exportado tem uma parcela de insumos importados. Para se exportar bens de capital, por exemplo, é preciso financiar o comprador, por cinco, 10, 15 anos, já que ninguém compra à vista uma grande máquina. No caso do navio, ele representa um valor em *ser*. Se eu financio a venda, somente vou receber os dólares a prazo e então sou obrigado a refinar os títulos no exterior. E aí nem sempre as condições de mercado são favoráveis. Se hoje somos um país devedor de todos esses bancos internacionais, tentando remanejar o que está para trás,

como é que podemos conseguir facilidades creditícias para andar para frente?

As dificuldades de mercado

“O Brasil, sem dúvida, precisa acelerar as exportações para compensar as perdas do mercado interno. Mas aí vem outro problema: o mercado dos países ricos está hoje sedimentado, inelástico, não há muito para onde crescer. Resta a alternativa dos países do Terceiro Mundo, que estão hoje na mesma situação do Brasil. Endividados, precisam conter as importações e exportar o máximo”. Além disso, o crédito que geramos contra eles não são refinanciáveis no mercado internacional. O único jeito então é conter as importações. Acontece que neste campo há as limitações da própria economia e da natureza: chuvas e secas. O Brasil agora vai precisar comprar produtos agrícolas que contava para exportar. É possível até que tenha de importar algumas mercadorias para honrar contratos de exportação firmados, comprando mais caro do que vendeu”.

“Creio que 1984 será um ano dramático. A crise agora é patente, real, insofismável e alienável. Não há como empurrá-la com a barriga. Muito breve, a economia internamente vai ter que partir para um tipo de solução muito semelhante a que o país vem tentando promover no exterior. Será necessário um Projeto I, II, III e IV para que as empresas e o Governo possam ir acertando suas dívidas entre si. — Dá uma mercadoria aqui, entrega outra lá; paga um crédito, recebe outro, quita o débito com o terceiro.

“Quem é que pode dizer que a economia brasileira obedece a leis de mercado? Temos, na verdade, uma economia híbrida. O Brasil é um arquipélago, formado por regiões econômica, social e politicamente muito distintas. O Nordeste é outro mundo. O Norte é outro mundo. O Centro-Sul é totalmente diferente dos demais. Mas a política econômica é administrada como se tudo fosse igual. Na medida que ficamos na generalidade, vão surgindo problemas. Não adianta fazer experimentação agrícola em um instituto de Campinas e depois tentar transferi-la para a Paraíba, porque lá o solo é diferente e até desconhecido. Por falta de conhecimento casuístico, caminha-se para o genérico que, quando é transformado para a prática, não produz os efeitos desejados. É por isto que se diz aqui que a teoria na prática é diferente.

2 045 ou impasse externo

“Seja 2 024, 2 045 ou qualquer outro número de Decreto-lei, o Governo não tem muita alternativa fora disso. Ou se aplica uma política salarial restritiva ou continua-se com o impasse externo. Outro dia, o presidente do Banco Montreal disse algo parecido, durante visita a Brasília. A política salarial estabelecida no 2 045 faz parte de um conjunto de ingredientes que o Brasil se comprometeu a cumprir com o FMI.”

“Hoje o grande problema é a estupefação, a perplexidade de todos diante dos acontecimentos. Vivemos um momento de grande perplexidade nacional.”